

IMATGES DE L'ESCOLA, IMATGE DE L'EDUCACIÓ



Editors

**Francesca Comas Rubí, Sara González Gómez
Xavier Motilla Salas, Bernat Sureda Garcia**

Universitat de les Illes Balears

Imatges de l'escola, imatge de l'educació

Actes de les XXI Jornades d'Història de l'Educació
Palma, del 26 al 28 de novembre de 2014



Editors:

Francesca Comas Rubí

Sara González Gómez

Xavier Motilla Salas

Bernat Sureda Garcia

Palma, 2014

Jornades d'Història de l'Educació (21es: 2014 :Palma)
Imatges de l'escola, imatge de l'educació: XXI Jornades d'Història de l'Educació:
Palma, del 26 al 28 de novembre de 2014 / editors: Francesca Comas Rubí,
Sara González Gómez, Xavier Motilla Salas i Bernat Sureda Garcia. – Palma:
Universitat de les Illes Balears, 2014. – Xp.: il.; Xcm
ISBN: 978-84-8384-294-2
DL: PM 1098-2014

I. Imatge – Escola – Educació – Congressos – I. Comas Rubí, Francesca, editora.
II. González Gómez, Sara, editora. III. Motilla Salas, Xavier, editor. IV. Sureda
García, Bernat, editor. V. Universitat de les Illes Balears, ed. VI. Títol

© del text: els autors, 2014

© de l'edició: Universitat de les Illes Balears, 2014

Disseny de la coberta: nacatalinadeplassa@gmail.com

Primera edició: novembre de 2014

Tiratge: 300 exemplars

Edició: Edicions UIB. Cas Jai. Campus universitari. Cra. de Valldemossa, km 7.5.

07122 Palma (Illes Balears) <http://edicions.uib.es>

Maquetació: nacatalinadeplassa@gmail.com

Impressió: Gràfiques Planisi. C/ del Gremi de Boneters, 28. 07009 Palma

ISBN: 978-84-8384-294-2

Dipòsit legal: PM 1098-2014

As narrações dos professores na memória
educativa portuguesa durante o Estado
Novo e depois de 1974 (Histórias de
vida de professores aposentados)

*The narrations of the teachers in the Portuguese
educational memory during the New State and
after 1974 (life stories of retired teachers)*

Ernesto Candeias Martins

ernesto@ipcb.pt

Instituto Politécnico de Castelo Branco (Portugal)

RESUM

El coneixement pedagògic en les històries de vida i la memòria oral dels professors portuguesos contribueix a l'elaboració del quefer pedagògic des d'una perspectiva històrica. Els objectius de l'estudi de 35 professors jubilats (M = 3; F = 32) a la dècada dels noranta, que van assistir a l'escola i a la formació de professorat en el Nou Estat i que exerciren la professió abans i després de 1974, són els següents: rescatar els coneixements i sabers emmagatzemats en la memòria dels professors; reconstruir i posar en relleu l'educació en aquest període; analitzar com la pedagogia i la formació dels mestres fomentaren o no la valorització de la professió; entendre l'exercici del «quefer pedagògic» en la construcció col·lectiva dels professors. La fonamentació i base teòrica ha estat tinguda en compte per tal d'interpretar el context del sistema educatiu del Nou Estat sorgit el 25 d'abril. L'estudi qualitatiu es va dur a terme entre 2008 i 2012, en el marc del paradigma interpretatiu (hermenèutic), utilitzant l'entrevista en profunditat (enregistrades) i analitzant el contingut i els discursos de les narratives de vida d'aquests mestres, nascuts en tres períodes diferents (A = 1925-1930; B = 1931-1940; C = 1941-1955), amb edats de 56 a 90 anys. Les categories d'anàlisi i les res-

pectives subcategories foren: records de l'escola primària; formació de mestres; pràctica professional i experiències fins a la jubilació i canvis en l'ensenyament. Així és que els professors tenen representacions que coincideixen amb el model d'ensenyament de l'època; recorden moments d'ensenyament, material pedagògic i didàctic, tasques i càstigs; parlen de la formació o el currículum, dels coneixements psicopedagògics i les pràctiques; de la inserció en el sistema (examen), les primeres escoles, les funcions a l'Àfrica, el mètode d'ensenyament, el compliment d'horaris, la inspecció, la relació educativa, les activitats, etc.; dels canvis en l'ensenyament (democratització), les accions de formació, la bona relació amb alumnes i pares i les polítiques educatives. Les històries de vida ens revelen professors que aprenen amb ells mateixos, que descobreixen la manera d'aprendre i ensenyar i que valoren el seu camí professional.

PARAULES CLAU: memòria educativa, mestres de primària, històries de vida, anàlisi de contingut.

ABSTRACT

Pedagogical knowledge in the history of life and the oral memory of Portuguese teachers contributes to the elaboration of 'make history teaching. The goals of the study of 35 teachers retirees (M = 3; F=32) in the decade of 90, who attended the school and primary teacher training in New State and exercised the profession before and after 1974, are the following: rescue the knowledge story in the memories of teachers; rebuild and enhance education in this period; analyze how the pedagogy and teacher education fostered or not valuing the profession; understand the Office of the «do» in teaching collective construction of teachers. The theoretical basis was taken into account to interpret the context of the education system in the New State and post April 25. The qualitative research was held 2008-2012, is part of the interpretive paradigm (interpretation), using the in-depth interview (recorded) and content analysis and discourse of the life narratives of these teachers, born between 3 historical arches (A = 1925-30; B = 1931-40; C = 1941-55), aged 56 and 90 years. The categories of analysis and respective subcategories were: memories of primary school; training in teaching; professional practice/experiences until retirement and changes in teaching. Teachers have representations coincident with the teaching model at the time; Remember teachable moments, pedagogical and didactic material relationship, tasks and punishments; in Teaching the curriculum/teaching, knowledge pedagogies and practice; the insertion in the system (exam), the first schools, functions in Africa, teaching method, compliance with timetables, inspection, the educational relationship, activities, etc.; changes in teaching (democratization), training actions, good relationship with students and parents and education policies. The story of life is the emergence in the teacher who learns about himself, who discovers the learn and teach, valuing your professional path.

KEYWORDS: educative memory, primary teachers, life stories, content analysis.

RESUMO

O saber pedagógico na história de vida e na memória oral de professores portugueses contribui para a elaboração do «fazer pedagógico» histórico. Os objetivos do estudo de 35 professores aposentados (M=3; F=32) na década de 90, que frequentaram a escola e Magistério Primário no Estado Novo e exerceram a profissão antes e depois de 1974, são os seguintes: resgatar os saberes guardados nas memórias dos professores; reconstruir e valorizar a educação nesse período; analisar como a pedagogia e a formação de professores fomentou ou não a valorização da profissão; compreender o exercício do «fazer pedagógico» na construção coletiva dos professores. A base teórica foi tida em conta para interpretar o contexto do sistema educativo no Estado Novo e pós 25 de abril. A investigação qualitativa decorreu 2008-2012, insere-se no paradigma interpretativo (hermenêutico), utilizando a entrevista em profundidade (gravadas) e a análise de conteúdo e do discurso das narrativas de vida desses professores, nascidos entre 3 arcos históricos (A=1925-30; B=1931-40; C=1941-55), com idades entre os 56 e 90 anos. As categorias de análise e respetivas subcategorias foram: recordações da escola primária; formação no magistério; exercício profissional/experiências até à aposentação e mudanças no ensino. Os professores têm representações coincidentes com o modelo de ensino na época; recordam momentos de ensino, relação pedagógica e material didático, as tarefas e os castigos; no Magistério o currículo/ensino, saberes psicopedagógicos e práticas; a inserção no sistema (exame), as primeiras escolas, funções em África, método de ensinar, o cumprimento de horários, a inspeção, a relação educativa, atividades, etc.; mudanças no ensino (democratização), ações de formação, relação com alunos e pais e políticas da educação. A história de vida é a emergência no professor que aprende consigo mesmo, que descobre o aprender e o ensinar, valorizando o seu percurso profissional.

PALAVRAS-CHAVE: memória educativa, professores primários, histórias de vida, análise de conteúdo.

I. INTRODUÇÃO

Sabemos que os nossos sonhos estão conectados com os acontecimentos passados, ao revermos o que já fizemos estando acordados, numa articulação entre o ontem, o anteontem, o durante em cada etapa histórica de vida e/ou (auto) biográfica, no sentido de Durkheim.¹ Os professores aposentados portugueses lembram-se de «algo vivido» (representações em contexto) e reproduzem, através de narrações simples, revertendo o percurso do tempo histórico e revivendo uma parte da sua vida profissional num contexto historiográfico determinado, neste caso no tempo anterior e posterior ao 25 de abril de 1974. Estas imagens e recordações são evocadas quando nos «exigem» essa transferência temporal ao passado. Daí que a memória

¹ HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria (Postfacia de Gérard Namer)*. Barcelona: Anthropos, 2004, pp. 11-19.

histórica e vivencial não nos faz reviver o passado, mas sim o constrói e faz passar por sensações, percepções e emoções enquadradas: linguagem e memória (formas de pensamento social e educativo emergidas no tempo e espaço); reconstituição do passado (relatos e marcos de pensamento/memória reconstruída); localização das recordações (vivacidade e familiaridade das recordações, com associação de ideias e localizadas no espaço educativo).

De facto quando procuramos na história da educação o lugar de uma recordação (dominante) no passado, aproximamo-nos a certas vivências próximas que rodeiam o que nos permite localizá-las. A memória individual de cada professor quando colocada a narrar temporalmente o vivido profissionalmente é um aspeto de «guião» de narratividade, em que cada impressão e fatos (mesmo os mais íntimos) se conserva como uma recordação duradoura (reflexão e vínculo ao sistema de ideias narradas), naquilo que J. Searle considera a «construção da realidade social» (educativa) ou «construção social da realidade», na terminologia de P. Berger e T. Luckman, que distinguem fatos brutos e fatos institucionais dos professores no contexto do sistema educativo.² Assim, qualquer história narrada vincula-se ao sujeito da ação, numa identidade de quem a narra e uma identidade narrativa no sentido de P. Ricoeur.³

Os saberes na história oral e/ou história de vida dos professores primários (jubilados) e a memória histórica da educação contribuem para elaborar e compreender cada época de ensino e o «fazer pedagógico» (práticas) desses professores. Pretendemos demonstrar que os testemunhos orais de professores que tiverem momentos históricos na sua profissão no sistema educativo português (antes e depois de 1974), obtidos através de entrevistas narrativas de história de vida (metodologia qualitativa), podem ser analisados pedagogicamente, sendo relevantes para compreender, em momentos históricos diferentes, o seu «fazer pedagógico». A organização dos saberes e a estrutura da educação escolar não tem favorecido a articulação entre a escola e os meios sociais envolventes. Este recurso às narrações de testemunhos é adequado para se promover a aquisição dos aprendentes, dos objetivos que favoreceram a manutenção ou inovação de aspetos importantes da memória e identidade coletiva dos professores neste arco histórico entre o Estado Novo e o depois do 25 de Abril de 1974. As evocações do passado não existem isoladamente, constroem-se em função dos quadros de referência do grupo social, das ideias partilhadas, sabendo que o tempo histórico é sempre demarcado, cronológico e sequencial.

A abordagem às narrativas (auto) biográficas dos professores primários, são mobilizadoras de saberes históricos, que circunstanciam as suas histórias de vida e significam a sua valorização pessoal e profissional – identidade.⁴ Partimos do discurso narrativo (entrevistas em profundidade) de n=professores (A1 nascidos entre 1925-30; B1 entre 1930-40; C1 entre 1940-50), que frequentaram e se educaram na escola primária do Estado Novo, formaram-se nas Escolas do Magistério da

² SEARLE, John. *La construcción de la realidad social* (Prologo A. Domènech). Barcelona: Paidós, 1997, pp. 26-41; BERGER, Peter L.; LUCKMAN, Thomas. *The social construction of reality*. London: Penguin, 1967, pp. 12-35.

³ RICOEUR, P. *Tiempo y narración*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987, pp. 15-27.

⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Paz e Terra, 1997, pp. 34-51; JOSSE, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. S. Paulo: Cortez, 2004, pp. 56-72.

época, entraram no sistema educativo (exame de Estado) exercendo as suas funções antes e depois de 1974 até à sua aposentação. Os objetivos da investigação pretendiam: Reconstruir e valorizar a educação/ensino neste período histórico antes e depois de 1974; Recuperar os saberes retidos na memória coletiva destes professores primários (percurso profissional); analisar como a pedagogia e a formação dos professores fomentou ou não a profissão «ser professor»; compreender o exercício do «fazer pedagógico» na construção coletiva dos professores unida ao valor das suas singularidades e sensibilidades. Seguimos os procedimentos científicos e de aplicação, as normas legais e éticas de protocolo, metodologia de análise de conteúdo e análise de discurso coletivo.

Em definitivo, o estudo significou uma tentativa de construir uma relação baseada no diálogo, na amorosidade, humildade e no respeito aos professores que exerceram as suas funções em períodos históricos distintos, com políticas e medidas educativas diferentes. Perseguimos, por um lado, a caracterização das atitudes sociais e educativas dos professores primários, as suas formas de representação e memórias coletivas de cada época no sistema educativo e, por outro lado a recolha de testemunhos de professores aposentados, para nos elucidar os aspetos da vivência social e educativa de outrora e dos mecanismos e procedimentos dominantes em cada época histórica analisada.

Neste âmbito a «história oral» permitiu o aprofundamento dessas experiências narradas do «fazer pedagógico» dos professores. Sendo fiável, o recurso à memória, ela não dispensou, metodologicamente, os cuidados de verificação da consistência interna dos depoimentos, avaliando omissões ou imprecisões, confrontando-os com outras fontes (teoria fundamentada) e contextualização.⁵ Os relatos pessoais recolhidos pelas histórias de vida foram filtrados pelo tempo e espaço «histórico», pelos percursos individuais dos professores entrevistados, podendo dizer que são «histórias do vivido».⁶ Estamos num campo de representações sociais que são interiorizadas e assumidas por cada professor, e que implicaram interpretação e crítica. Daí que a história oral abarca as condições da sua produção, lidando com a história das relações, emoções pessoais, sendo necessário a análise de conteúdo (hermenêutico) e de discurso e a contextualização das informações recolhidas.

2. REFERENTES DE FUNDAMENTAÇÃO: EDUCAÇÃO E SISTEMA EDUCATIVO ANTES/DEPOIS 1974

O golpe militar de 1926 põe cobro à 1ª República e à instabilidade política. A. de Oliveira Salazar é convidado para ministro das finanças e, posteriormente chefe do governo (1932), sendo defensor de um sistema de governação concentracionária.

⁵ VIDIGAL, Luís. *Os testemunhos orais na escola. História oral e projetos pedagógicos*. Porto: Edições ASA, 1996, pp. 17-33.

⁶ BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús y FERNÁNDEZ, Manuel *La investigación biográfico-narrativa en educación. Enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla, 2001, pp. 35-51; PINEAU, G.; JOBERT, G. *Histoires de vie*. Paris: L'Harmattan, 1989, pp. 17-39.

Impôs na escola portuguesa regras de pensamento e comportamento da sua doutrina social, proibição da coeducação dentro e fora das salas de aulas, redução da escolaridade (ensino elementar obrigatório dos 7 aos 11 anos, o ensino complementar dos 11 aos 13 anos para os que continuavam o ensino liceal ou técnico), que só viria a ser alterado mais tarde, extinção das escolas normais superiores, ataque à atividade associativa dos professores primários e livre expressão crítica, etc. Pretendia-se forma elites e pouco ao nada combater o analfabetismo (75% de analfabetos em 1927) ou ensinar o povo a ler.

A educação infantil estava fora do quadro de ensino oficial. O ensino primário elementar estava dividido em dois graus (1º grau= 3 classes com exame final), deteriorando-se a qualidade do ensino.⁷ Foi estabelecido o «livro único» para cada classe. Em 1936 dá-se a primeira remodelação com a criação do Ministério da Educação Nacional e da Junta Nacional de Educação (resolução dos problemas educativos, do ensino, da formação do carácter e cultura), introdução dos símbolos nas escolas/postos escolares e um currículo básico (língua portuguesa, moral, aritmética e sistema métrico, educação física, canto coral). Até à década de 40 há um aumento de professoras do sexo feminino e um maior número de frequência de raparigas.

Numa análise quantitativa à estrutura escolar detetamos uma taxa elevada de analfabetismo, redução de frequência de alunos em todos os graus de ensino, fraco aproveitamento escolar e nos exames (provas escritas no ensino liceal), falta de escolas (criação de postos de ensino em 1931) e professores primários (incremento dos regentes escolares, que em 1950 eram 1.500), fracas instalações e défice de material didático, etc. Os postos de ensino era uma forma de combater o analfabetismo, sendo contestado pelos professores primários (imprensa), pois feriam a dignidade da profissão como em termos de remuneração, já que os regentes não tinham habilitações para a docência. Os alunos na escola primária teriam apenas de aprender a ler, escrever e contar até a 4ª classe.⁸ Houve algumas ténues reformas de ensino (Lei de 11 de abril de 1936; decreto lei de 1947, decreto-lei de 9 de junho de 1964 com a criação da «telescola», etc.), que maquilharam a instrução primária (alargamento da escolaridade obrigatória e dos graus de ensino, currículo/programa), criação do ciclo preparatório do ensino secundário (fusão ensino liceal com o ciclo preparatório do ensino técnico), plano de educação popular, insistência numa formação científica e técnica, utilização dos meios audiovisuais na escola, etc.

Em relação à formação dos professores havia no início do Estado Novo poucas escolas normais superiores (Lisboa, Coimbra, Braga,..) tendo um primeiro ano teórico e o segundo ano de preparação pedagógica com práticas orientadas por professores liceais no ativo. Aquelas escolas normais foram substituídas em 1930 pelas Escolas do Magistério Primário (ingresso com exame de admissão), destinadas a formar professores primários do ensino elementar e ensino infantil. Estas estiveram encerradas de 1936 a 1942 o que dificultou a formação dos professores e a sua consequente entrada no sistema educativo.

⁷ CARVALHO, Rómulo. *A História do Ensino em Portugal* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, pp. 722-728.

⁸ NÓVOA, António. «A política educativa e o Estado. Três fases de uma política educativa autoritária», ROSAS, Fernando (coord.). *Portugal e o estado Novo (1930-1960)*. Lisboa: Ed. Presença, 1992, pp. 25-48.

Só em 1973 houve a tentativa de reformar o sistema educativo com inovações propostas pelo Ministro Veiga Simão, abrangendo a educação pré-escolar, educação escolar (ensino obrigatório primário e preparatório, com quatro anos cada um; ensino secundário com dois ciclos de dois anos cada; e o ensino superior) e a educação permanente. Esta reforma foi um progresso já no período marcelista, criando-se nos últimos quatro anos mais de seis mil escolas de ensino primário, 180 de ciclo preparatório, 280 de «telescola», nove escolas do magistério, etc. com um incremento de alunos em todos os níveis de ensino. Após a revolução de 1974 dá-se a massificação e democratização do ensino com medidas de ensino que se iriam consolidar com a Lei de Bases do sistema de Ensino em 1986.

3. METODOLOGIA: A HISTÓRIA ORAL OU DE VIDA EM AÇÃO

O percurso metodológico enquadrado no paradigma interpretativo foi pensado e trilhado à medida que recolhíamos as narrativas (gravadas), carregadas de significados (interacionismo simbólico), vivências e aproximação ao estado social e educativo da época, revelando a história das aprendizagens, o ensino, os materiais escolares, etc. na interpretação duma pedagogia que considera as singularidades incorporadas na história de vida desde os sujeitos de estudo (memória). Houve três tipologias metodológicas no estudo, na base dos testemunhos orais dos professores: história biográfica –a memória histórica falada, relacionado com depoimentos sobre fatos em que participaram ou como meio de análise de processos e decisões (informação de acontecimentos educativos vividos); recolha de depoimentos sobre as vivências do período da sua escola primária, da formação no Magistério, a docência no Estado Novo até 1974 e depois desta data até à aposentação; construir a história do grupo dos professores primários –histórias ou relatos de vida profissional (autobiografia). Cada professor foi objeto de três visitas (mínimo de 3 horas de gravação) que deu origem a um arquivo documental

3.1. Os sujeitos da amostra: professores primários jubilados

O modo de contato para selecionar (convite de livre aceitação) uma amostra de 35 professores primários aposentados (32 professoras e 3 professores) foi diversa (sindicatos de professores, clubes de professores, centros de dia, lares residenciais ou conhecimento pessoal), sendo 60% do distrito de Castelo Branco, 15% do Algarve, 10% de Lisboa e os restantes de outros distritos ou concelhos (Abrantes, Évora, Guarda, Leiria, Porto, Santarém). Esta profissão de professor foi e é essencialmente exercida por mulheres e na nossa amostra a maioria é feminina (32 professoras, 3 professores), o que coincide com os dados estatísticos de ser uma profissão exercida pela mulher como forma de autonomia e integração no mercado laboral, já que os homens iam para outras profissões.

Todos os entrevistados aposentaram-se na década de 90, com mais de 36 anos de serviço e/ou por limite de idade de reforma (65 anos). Os professores selecionados obedeceram a 3 estratos, de modo a integrarem nos objetivos do estudo:

a) Estrato A (NA=3 professores, 8% da amostra total). Nascidos entre 1925-1930 – no período do Golpe Militar em 1926 e início do Estado Novo, após o período republicano, apresentando no período da nossa investigação idades igual ou superior aos 80 anos. Entraram no sistema de ensino na década de 40 (exame de Estado), percorrendo várias escolas. Aposentaram-se com a idade de reforma tendo mais de 40 anos de serviço, tendo mais de 20 anos de exercício profissional no período salazarista e marcelista (1968-1974).

b) Estrato B (NB=9 professores, 26% da amostra total). Nascidos entre 1931-1940, no momento em que o Estado Novo propôs medidas e/ou modificações no sistema educativo, não favorecedoras a uma escolaridade obrigatória, favorecendo um ensino de ler e escrever básico. Tinham uma idade, no momento do estudo, entre os 70 e 80 anos (média de 74 anos), com um exercício profissional à volta dos 20 anos de serviço antes de 1974 e 15 anos de serviço efetivo depois de 1974.

c) Estrato C (NC=23 professores, 66% da amostra total). Nascidos entre 1941-1955, num período de algumas reformas de ensino (1964, 1968) tendo entrado no sistema de ensino poucos anos antes do 25 de abril. Viveram como professores o período de modificação do sistema após o 25 abril (medidas de democratização e reforma de 1986), tendo-se aposentado à volta dos 36 anos de serviço com uma idade de cinquenta e poucos anos, devido às medidas favorecedoras de aposentação na época. No momento do estudo apresentavam uma idade na faixa etária dos 60 anos (média de 67 anos).

d) Estrato Extra. Durante a escolha dos professores para a amostra, tipo «bola de neve», surgiram outros professores aposentados, com idades na faixa etária dos cinquenta anos. Esta subamostra foi constituída por 6 professores que exerceram pouco tempo a sua profissão (finais do marcelismo), formando-se nas escolas do Magistério nos finais dos 60 e inícios de 70, possuindo uma memória histórica da profissão essencialmente do período pós 25 de abril, permitindo comparar esse exercício com o do período anterior (análise), sem o ter exercido. Esta amostra serviu-nos como validação das narrações proferidas por todos os entrevistados na caracterização do ensino e do sistema educativo no período pós 1974.

Todos os professores da lista foram designados pela letra «E», seguido do número de ordem e nome próprio em que foram entrevistados ao longo do nosso período de estudo. A amostra foi caracterizada pelas variáveis de identificação ou sociodemográficas (fichas). Mantivemos contatos informais antes da formalização do convite (Protocolo) e da gravação das entrevistas (Termo de livre consentimento). Realizámos um total de 41 entrevistas, das quais selecionámos as 35 que se enquadravam nos critérios e objetivos do presente estudo, tendo decorrido o estudo entre 2008 a 2012.

3.2. Técnicas de recolha de dados e ferramentas de análise

Utilizámos a entrevista em profundidade ou narrativa de índole qualitativa, grava e consentida pelos entrevistados no período de estudo, tendo aplicado uma «ficha de identificação do depoente» (sexo, idade, morada, início da atividade docente, anos de serviço, ano de aposentação), identificados pelo seu primeiro nome, para além

da «ficha de registo áudio», com data e local da entrevista (local habitual Centro de Recursos da Escola Superior de Educação, ou o lar, clube ou a residência individual).

As entrevistas pretendiam que os professores narrassem o modelo de ensino acontecimentos, experiências práticas e vivências profissionais, saber pedagógico, etc. de modo a cruzar perspetivas de relatos, com recurso à teoria fundamentada do ensino e educação, de cada época histórica na base de procedimentos de indução analítica, assente nas seguintes fases de análise: Descoberta de aspetos emergentes relativos aos pontos indicados (imagem da escola primária que frequentou; formação no magistério primário com exame de estado; exercício profissional antes e depois de 1974); Codificação e categorização (separação dos dados narrados por categorias e subcategorias (análise de relativização dos dados no contexto da época histórica e construção do percurso de vida profissional), com a ajuda de notas de campo e observações participantes); descrição e interpretação (análise das 'evidências – segmentos de texto em cada categoria/subcategoria e as conexões/relações entre categorias com considerações de teoria fundamentada). Assim, a biografia profissional ou o balanço de vida profissional dos professores aposentados, através da narratividade, implicaram a compreensão e construção das representações deste coletivo em fases históricas distintas, recorrendo à técnica da triangulação de dados.

Por conseguinte, os procedimentos seguidos na entrevista qualitativa assentaram em três pontos:⁹ perguntámos aos professor que clarificasse os diversos aspetos cronológicos da sua vida profissional, começando o seu percurso escolar (primária, secundária, Magistério); clarificação dos aspetos incompletos ou imprecisos; análise da narração gravada (validação), limitando a segmentos de texto narrativo e descritivo (evidências) à cronologia da estrutura do conteúdo do percurso de vida e, ainda as dimensões argumentativas da sua história de vida. Tratou-se, pois de uma análise de conteúdo holística e categórica.

3.3. Análise dos dados

Estabelecemos, após a análise do conteúdo do «corpus» da entrevista, quatro categorias: A- Imagem da escola primária com 7 subcategorias (escola, professora, programa, atividades escolares, material didático, avaliação/aprendizagem e castigos) (Quadro n.º 1); B- Magistério Primário com 6 subcategorias (vocação/inclinação; ensino/conteúdos; organização escolar; programa ou currículo; materiais didáticos; prática pedagógica); C- Exercício Profissional antes de 1979 com 9 subcategorias (exame de Estado; primeiras escolas; atividades escolares; material didático; avaliação/aprendizagem; relação com os pais; vista da inspeção; castigos); D – Exercício Profissional após 1979 com 7 subcategorias (modelo de ensino; conteúdos/programa; atividades escolares; material escolar; avaliação/aprendizagem; relação pedagógica/pais; inovação).

⁹ BOLÍVAR, ANTONIO; DOMINGO, JESÚS; FERNÁNDEZ, MANUEL. *La investigación biográfico-narrativa en educación. Enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla, 2001, pp. 168-170.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS (7)	DESCRIPTORES / EVIDÊNCIAS
Imagem da Escola Primária	Escola (edifício, estrutura)	“escola era um só edifício” (E2; E2); ‘começava-se às 9 até às 20 horas’ (E7);
	Professora (perfil)	‘não dava muito pela sua presença... a vida de professora era de terra em terra’ (E26)
	Programa/currículo	‘Aprendia-se a língua portuguesa, aritmética, história e a Pátria – educação cívica(E6);
	Atividades escolares	‘Sou do tempo das matérias muito densas... aprendia-se papagueando como os papagaios’ (E28); ‘Havia deveres para fazer, mas a professora ensinava-nos’ (E28).
	Material didático	“Os materiais utilizados eram livros adotados a nível nacional – livro único, para língua portuguesa, aritmética, gramática e história em geral e Pátria” (E2); ‘os materiais utilizados não passavam dos essenciais numa escola, o quadro preto e o giz, mapas, cartas geográficas, esqueleto humano, livro único, símbolos na parede, a ardósia e pouco mais’ (E 11); ‘Era reduzido o número de escolas que tivessem atelier para trabalhos manuais’ (E23).
	Avaliação/ Aprendizagem	‘Havia pressão que dois terços dos alunos tinham que passar no exame’ (E17)
	Castigos	‘Quem não sabia era castigado e batiam-lhe com a régua’(E4);

Quadro 1: Categoria (subcategorias) e evidências da escola primária

O ensino primário no Estado Novo e inclusive pós 1974 é essencialmente exercido por mulheres, como a alternativa profissional de se inserir na sociedade. A imagem que os professores entrevistados, principalmente os que frequentaram e exerceram profissionalmente a escola e ensino do Estado Novo consideram que «era muito pobre, em espaços distintos para rapazes e raparigas» (E4 –Lídia S.) e muito ideológica do regime (E24 –Donzília), já que não era permitida a coeducação, além disso não era um «ensino obrigatório, já que as crianças dos meios mais pobres não podiam ir à escola, porque tinham que ajudar os pais, até mesmo criar os irmãos» (E2 –Ana M^a B.), sendo os materiais didáticos, em geral, «construídos pela professora e pelas estagiárias do magistério, havendo mapas, régua, esquadros, compassos (caixa métrica), tecidos e outros materiais recuperáveis para atividades de expressões e labores femininos» (E13 –Odete).

Após o 25 de abril de 1974 os professores primários indicam as mudanças no ensino e nos programas (reformas, principalmente a de 1986), retirando a carga ide-

ológica à escola, promovendo-se a extensão da escolaridade obrigatória, conduzindo a uma transformação pedagógica e organizacional das escolas (E3 –Manuel F.; E10 –Laura B.; E30 – M^a Joana). É verdade que a educação portuguesa esteve afetada pela despesa educativa, unida aos indicadores do produto interno bruto, tendo tido um grande impulso de investimento no parque escolar e no ensino nos princípios da década de 80 – expansão escolar coincidente com a contração da despesa pública com a educação (E1 –Esperança C.; E22 – M^a Teresa A.). Esta consolidação da «escola de massas, fruto das políticas educativas e democratização da educação, com um novo sentido político e ideológico» (E14- M^a Edite), assente numa lógica de modernização (teoria do capital humano), segundo a qual o investimento na educação/formação tinha efeitos reprodutivos na criação de riqueza, que constituía a «missão cívica da escola pública, num período de massificação escolar» (E29 –Manuela M.). Apesar das alterações progressivas, alguns professores consideram que houve na primeira década, após 1974 uma continuidade entre a escola (zonas rurais) do antes e pós 25 de abril (Quadro nº 2), em muitos aspetos do ensino e da aprendizagem (E18 –Lucinda; E21 – Ermelinda; E24 – Donzília; E26 – M.^a de Jesus; E34 –Zulmira).

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS (9)	DESCRIPTORES / EVIDÊNCIAS
Exercício profissional Antes de 1974	Exame de Estado	Era obrigatório fazer um exame para entrar no ensino e depois ter vaga' (E9);
	Antes de 1974	'andei de terra em terra até efetivar' (E22); ' Até efetivar andávamos um ano numa terra e outro ano em outra' (E19)
	Modelo de ensino	'Era um ensino para cumprir o programa, repetitivo e não interessava a compreensão' (E2); 'Separação de sexos' (E1)
	Atividades escolares/ Aprendizagem	'Aos sábados tínhamos o ensino dos trabalhos, pintura, cantares e atividades no âmbito da Mocidade Portuguesa, para alunos entre os 7 e 14 anos' (E27);
	Material didático/ Livro de texto	'Não havia material didático... eu arranjei um tabuleiro com ingredientes para ser uma fotocopiadora' (E26); 'Os professores faziam o material com a imaginação' (E31); 'Fazia-se muito material e inventavam-se jogos' (E34); 'As juntas de freguesia financiavam algum material' (E7); 'Em Angola os manuais eram diferentes, estavam adaptados' (E6).

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS (9)	DESCRITORES / EVIDÊNCIAS
Exercício profissional Antes de 1974	Avaliação/ aprendizagem	'O rendimento escolar era baixo, tínhamos que ensinar com insistência' (E17); 'Havia um registo biográfico para mostrar ao inspetor' (E5);
	Relação com pais	'Havia muitas a quem fugisse à obrigação escolar e a algumas atividades' (E 24); 'Íamos com os alunos à missa ao domingo' (E29); 'Tínhamos uma boa relação com a família (E3)
	Visitas inspeção	'Havia um controlo ao trabalho dos professores e uma vigilância atenta à sua conduta' (E21); 'só fui visitada uma vez' (E6); 'Era quase impossível que os professores fossem visitados mais de uma vez' (E13).
	Castigos	'Quem não estudasse levava uma reguada. Sim tinha que haver castigos' (E4); 'Ó minha senhora carregue-lhe' (E6); 'Batia-se com a régua e os pais sabiam' (E32); 'Castigos corporais eram permitidos desde que dados fraternalmente' (E30); 'Havia a régua na escola' (E35); 'Nunca gostei de castigar nem bater' (E23).

Quadro 2: Categoria do exercício profissional antes de 1974

Reconhecemos que essa expansão e democratização da escola já teve os seus inícios na criação do ciclo preparatório nos anos 60 e incrementando-se na implementação da Lei de Bases do sistema Educativo (1986) (E19 – M.^a Deolinda; E21 – Ermelinda; E23 – Firmino; E28 – Batista). As narrações dos professores, ao compararem a escola do «antes» e «depois» de 1974, consideram uma maior abertura da escola à comunidade e à família no pós 25 de abril e uma proximidade do professor com o aluno no processo ensino-aprendizagem (E5 – M.^a Dias; E8 – Fátima; E11 – M.^a do Rosário; E33 – Flávia P.M.; E35 – M.^a do Rosário M.).

Em definitivo, os professores de estudo têm representações coincidentes com o modelo de ensino na época (rigidez, livro texto único, métodos pouco ativos; na escola primária recordam as suas professoras e a relação pedagógica, o material didático e livros de texto, as tarefas e os castigos e disciplina; no magistério as disciplinas do currículo, poucos saberes psicopedagógico, o modo de ensinar dos professores, as práticas nas escolas anexas; a inserção no sistema educativo (exame de Estado na década de 60), as primeiras escolas onde lecionaram, alguns tiveram funções docentes em África, o modo de ensinar (métodos) e motivar, a aprendizagem dos alunos (cadernos escolares), o cumprimento de horários, a inspeção escolar (visita de inspetores), a relação com as crianças e as famílias, atividades comunitárias em certos momentos do ano, etc. No pós 1974 evidenciam as mudanças no ensino (democratização), nas metodologias, ações de formação, a boa relação com alunos, as políticas da educação e as atividades para a comunidade educativa, o papel da escola na for-

mação do aluno. Os entrevistados mantêm uma boa recordação de certos alunos, que os marcaram pela positiva na sua vida futura de tal forma que receberam muitos agradecimentos de muitos deles –tiveram orgulho de ser professor.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

No contexto histórico do nosso estudo, as transformações políticas, sociais e económicas afetaram os modos de vida, as relações sociais, a forma de ensinar e educar, incluindo o questionamento de valores. Os professores entrevistados foram tomados pela responsabilidade de construir o seu percurso biográfico antes e depois de 1974, que implicou introspeção e experiências de si, intensificadas pelo ato narrativo de contar a vida profissional e pessoal. Houve, pois uma relação entre o percurso de vida e o discurso (análise de conteúdo), com a sua complexidade, enquanto sujeitos e objeto ao mesmo tempo (subjetivação). Verificamos no estudo que as narrativas dos professores primários aposentados são muito ricas em experiências e vivências, parecidas em muitos aspetos narrativos e acontecimentos vividos, exceto alguns deles que, pela sua «longevidade de exercício profissional» (E7- M^a Manuela D., de 87 anos; E13- Odete, com 76 anos; E21 – Ermelinda de 85 anos; E28 –Batista, de 73 anos) tiveram uma maior visão comparativa dessas diferenças vividas, da alteração da escolaridade obrigatória no sistema educativo português, ao longo do século xx, assim como os métodos e dinâmicas de atividades na sala de aula.

Enquanto no Estado Novo a exigência, o cumprimento (programa) e rigorosidade dos professores era excessiva, com um material didático pouco atrativo para os alunos, após 1974 com a democratização do ensino, a consciencialização do papel fundamental do professor no desenvolvimento e formação das crianças no ensino primário, maior motivação das atividades escolares e uma maior relação da escola com os pais são aspetos de uma educação dirigida aos interesses dos alunos. A escola primária nas narrações desses professores assentam numa escola pouco atrativa, um ensino expositivo, responsável, disciplinar, com pouco material didático (livro único), castigos (palmatórias), avaliação rigorosa e gerador de valores comuns à ideologia do Estado. A ida para o Magistério Primário (a anos) é justificada pela vocação pessoal, influência da família e pela possibilidade profissional da mulher entrar no mercado. Valorizam nessa formação a prática pedagógica, algumas disciplinas psicopedagógicas e as didáticas, mas em termos de competências, estas foram adquiridas e aprofundadas na experiência diária da escola.

Ao realizarem o exame de Estado foram colocadas em escolas rurais, andando muitos anos de escola para escola até se oficializarem. A relação com os alunos e pais é muito valorizado nesse exercício profissional, com aplicação de métodos sintéticos e analíticos e, posteriormente após 25 abril métodos ativos, psicogenéticos e inovadores, maior riqueza no material didático, mais atividades escolares, etc., muitas delas fruto das ações de formação para os professores pós 1974. Os professores que exerceram o ensino (e até a formação de Magistério) em África puderam comparar algumas diferenças entre o ensino em Portugal e naquelas paragens.



Fig.1: Livros de texto oficial no Estado Novo

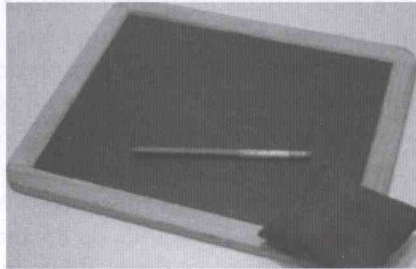


Fig. 2: Ardósia com ponteiro e apagador



Fig. 3: Sala de aula na época do Estado Novo (mobiliários e símbolos)